

VILÉM FLUSSER Parque de esculturas.

O parque holandês perto de Appeldoorn que cerca o Museu Mueller-Kroell coloca um problema. Que é isto? Será natureza, será espírito, será natureza espiritualizada, espírito naturalizado, anti-natureza, provocação do espírito, ou o quê, afinal das contas? O problema deve ser respondido, Hegel e a consciência infeliz que se danem. Do contrário estamos perdidos. Porque se não conseguirmos distinguir entre natureza e espírito não poderemos engajar em cultura. "Cultura", como é sabido, é espírito naturalizado e nasce da oposição que o espírito faz à natureza. Se tal oposição cessar, advirá o tempo parada da cultura de massa. Por exemplo: se passarmos no parque de esculturas para refugiar-nos da verdadeira cultura das máquinas de escrever e dos automóveis. Ou se, pelo contrário, não percebermos mais a natureza que pervade o parque e virmos apenas as esculturas.

Trata-se de parque. E parque não será grande jardim, portanto cultura? O termo "horticultura" parece sugerí-lo. Mas não haverá paisagem natural com características de parque? E qual a arquitetura urbanística que projetou o jardim do Paraíso? Em tal parque se erguem as esculturas, em parte representando algo, em parte representando a si próprias e apresentando-se esculturalmente. Erguem-se, movem-se, flutuam. Mas cada qual no seu lugar apropriado: num prado apropriadamente suave, debaixo de arbusto apropriadamente florido, suportadas por árvores apropriadamente dispostas, em lago que as balança apropriadamente. Isto é cultura: tudo bem planejado, e nada abandonado ao acaso da natureza. A entropia natural dominada pela negentropia do espírito humano. Admitidamente: isto é empolgante. Mas não terá dito já o velho Aristoteles que na natureza reina a justiça, e que tudo nela volta, (ou acaba voltando), ao seu lugar apropriado? De maneira que as esculturas estarão atrapalhando a ordem natural do parque? Por exemplo dificultando aos pássaros a construção dos ninhos? As esculturas como ruído casual introduzido no parque portanto. Como poluição do ambiente. E o homem como espécie de praga na divina imortalidade da natureza.

Que seja. Esta a resposta do engajado. Que o homem seja pulga é orgulhoso de ser esmagado pelos deuses eternos. Tal leitura prometética do parque Mueller-Kroeller é possível. Lá se ergue o "Não!" humano aos deuses das árvores, ninfas das fontes e gênios das águas. E é assim que devemos penetrá-lo. Como lugar de recusa à ordem das coisas. Portanto como lugar de beleza. Duas das possibilidades adormecidas no colo do futuro e esperando por serem por nós acordadas são estas: vivermos em ambiente bem construído e cheio de sentido humano, ou vivermos em parques sem sentido, inteiramente despropositados. A primeira possibilidade é provável. Brasília o prova. É possibilidade terrível. Um exemplo da segunda possibilidade pode ser visto em Mueller-Kroeller. A primeira é parque nacional no qual a caça aos homens é permitida apenas periodicamente com licença oficial carimbada. A segunda não protege, mas provoca o homem a dar resposta criativa ^{agudo} ao que está exposto. É pouco provável, mas existe.